

NIETZSCHE E O DETERMINISMO: COMO A COSMOLOGIA DA VONTADE DE PODER
SOLAPA A POSSIBILIDADE DE EVENTOS CONTINGENTES

*Nietzsche and determinism: how the the cosmology of will to power undermines
the possibility of contingent events*

Leonardo Camacho de Oliveira¹

Resumo: Este artigo endereça a questão do determinismo no pensamento de Nietzsche, mais precisamente, trabalha a hipótese de que a chamada cosmologia da vontade de poder, por ele proposta, implica em um determinismo. Por isso, a pesquisa se limita a obra publicada e fragmentos póstumos de 1885 a 1889, período em que a dita cosmologia está em evidência. O estudo visa apresentar elementos interessantes para argumentar que na visão de mundo de Nietzsche todo e qualquer evento é determinado pelo arranjo de forças que lhe é prévio, no sentido de que não há espaço para eventos contingentes. A passagem central para tal está em GM/GM I 13 e em fragmentos do mesmo período. A questão da doutrina do eterno retorno do mesmo também será investigada, bem como as implicações do possível determinismo nietzschiano.

Palavras-chave: Determinismo; Vontade de Poder; Eterno Retorno do Mesmo; Cosmologia.

Abstract: This article addresses the issue of determinism in Nietzsche's thinking. Precisely by working the hypotheses that the so called cosmology of will to power proposed by the author implicates a determinism. For that reason the research is limited to published works and posthumous writings from 1885 to 1889, period in which the mentioned cosmology is in evidence. The work aims to provide interesting elements to argue that in Nietzsche's world view all events are determined by the arrangement of forces previous to it, in a sense that there is no space for contingent occurrences. The core passage for such is in GM/GM I 13 and also in posthumous writings of the same period. The issue of the doctrine of the eternal recurrence of the same will be investigated, as well as the implications of Nietzsche's possible deterministic posture.

Keywords: Determinism; Will to Power; Eternal Recurrence of the Same; Cosmology.

A motivação para escrever esse artigo é fundamentalmente fomentar o debate em torno da questão do determinismo no pensamento de Nietzsche, em especial, a relação deste com a doutrina da vontade de poder, razão que justifica

¹ Bacharel em Direito e Filosofia e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas. Vinculado como pesquisador ao GEN-UFPel. E-mail: leocamacho@globocom

delimitar a pesquisa aos escritos tardios do autor (1885 - 1889). Ter-se-á como hipótese a afirmação de que a visão do mundo como vontade de poder implica um determinismo, no sentido que todo e qualquer evento é determinado pelos sucessivos arranjos de forças e configurações de forças.

Optamos por realizar esse estudo em quatro momentos: um primeiro centrado na definição do “pano de fundo” da análise, qual seja, a cosmologia da vontade de poder, nele nos interessamos em apresentar e esclarecer nossas opções interpretativas com relação a mesma; um segundo momento onde a hipótese será enfrentada diretamente, podendo ser colocado como o “coração” do artigo, será nele que apresentaremos as passagens mais significativas com relação a implicação ou não do determinismo, partindo de indícios da obra publicada e buscando aprofundá-los em póstumos; no terceiro momento traremos à cena a doutrina do eterno retorno, que com clara inclinação determinista é passagem obrigatória de um trabalho nesses moldes; por fim, um quarto momento em que nos debruçaremos sobre as implicações desse possível determinismo nietzschiano, de forma breve, no sentido de sensibilizar o leitor para a importância do tema.

I

Como já afirmado, a presente investigação é delimitada ao período tardio do pensamento nietzschiano, sobretudo de 1885 até 1889, justificando-se por ser esse o período em que a vontade de poder está no centro das reflexões do filósofo e, podendo ela ser interpretada com contornos cosmológicos, temos um terreno fértil para debater a questão do determinismo. Por certo, o tema da vontade de poder é vasto e polêmico o suficiente para motivar não só um artigo próprio, mas vários, de modo que nos limitaremos a apenas pontuar nossa compreensão sobre ele, apresentando tomadas de posição e deixando o leitor informado dos pressupostos de nossa visão antes de passarmos ao problema central do artigo.

Possivelmente a menção mais relevante de Nietzsche à vontade de poder esteja no § 36 da obra *Além do bem e do mal*, no qual o pensador parte da

dinâmica conflitiva dos impulsos e a expande até o ponto de afirmar que: “O mundo visto dentro, o mundo definido e designado conforme seu ‘caráter inteligível’ – seria justamente ‘vontade de poder’, e nada mais. –”(JGB/BM § 36). Some-se a essa afirmação o fragmento póstumo, do mesmo período, em que é esboçado o título de uma obra, cujo projeto ocupou Nietzsche pelo menos até 1888 e resultou em largo número de fragmentos, nele lê-se: “A vontade de poder: tentativa de uma nova interpretação de todo o acontecer²”(NF-1885,39[1]); e veremos que além de tema central, a vontade de poder se vincula a própria visão de mundo nietzschiana, daí referirmos seus contornos cosmológicos. O leitor deve ter em mente que o final do século XIX era contexto propício ao surgimento de cosmologias e leituras abrangentes da efetividade, a efervescência científica aliada a um matiz especulativo gerou uma série de esforços cosmológicos, formando um debate vigoroso do qual Nietzsche não só está a par, mas pretende participar³.

Ademais, propor uma visão de mundo abrangente está de acordo com um imperativo metodológico⁴ do próprio filósofo, que defende a necessidade de se esgotar um princípio explicativo antes de se lançar mão de outro:

Afim, não é apenas lícito fazer essa tentativa: é algo imposto pela consciência do *método*. Não admitir várias espécies de causalidade enquanto não se leva ao limite extremo (- até ao absurdo, diria mesmo) a tentativa de se contentar com uma só: eis uma moral do método, à qual ninguém pode se subtrair hoje; - ela se dá “por definição”, como diria um matemático. (JGB/BM § 36).

Com efeito, nada mais coerente do que levar ao limite a noção de vontade de poder, propondo assim uma visão de mundo ampla e nela centrada. Não obstante, o pensador nos lega o que podemos chamar, certa medida, de cosmologia

² “*Der Wille zur Macht. Versuch einer neuen Auslegung alles Geschehens*”.

³ Concordamos, nesse sentido, com Araldi: “Entendemos que as tentativas nietzschianas de fundamentar cientificamente (cosmologicamente) a doutrina da vontade de potência devem ser levadas a sério, pois expressam o *esforço* de alcançar uma síntese do aspecto científico-mecânico com a perspectiva existencial” (ARALDI, 2004, p. 374).

⁴ Acrescenta o trabalho de Rogério Lopes, que realiza um importante estudo das fontes no pensamento de Nietzsche e demonstra a inspiração científica do dito imperativo metodológico: “ele [Nietzsche] reconhece que a sobriedade e a economia de hipóteses e princípios são responsáveis pelo êxito descritivo das ciências naturais. Esta estratégia é bem-vinda e o filósofo deve se submeter a esta exigência ao propor hipóteses genealógicas e ao avançar teses normativas” (LOPES, 2011, p. 345).

monista⁵, ou seja, partindo de um registro único ele pretende compreender toda a efetividade. É digno de nota que tal proposta se articula de forma interessante com a crítica profunda, presente sobretudo no primeiro capítulo de *Além do bem e do mal*, à propostas dualistas, a necessidade desses metafísicos de refletir por meio de noções opostas (bom/mal, verdadeiro/falso) lhes impõe cindir a efetividade em duas. Nietzsche, por sua vez, recusa cisões dualistas e, onde os metafísicos veem diferenças de essência, ele vê apenas diferenças de grau: “Pois embora a *linguagem*, nisso e em outras coisas, não possa ir além de sua rudeza e continue a falar em oposições, onde há somente degraus e uma sutil gama de gradações” (JGB/BM § 24).

A vontade de poder, contudo, adquire complexidade e profundidade nos fragmentos póstumos; como já dito, esse tema não é o alvo deste artigo, de modo que aqui endossamos a preciosa articulação dos fragmentos feita por Wolfgang Müller-Lauter e nos limitamos a trazer as características fundamentais da mesma⁶. Em primeiro lugar, devemos entender que se trata de um registro único para se compreender a efetividade, rompendo com qualquer possibilidade de dualismo; mesmo divisões como: ciências do espírito X ciências da natureza ou orgânico X inorgânico deixam de ter sentido, pois tudo deve ser compreendido como vontade de poder. A efetividade pode ser compreendida como sendo formada por *quanta* de força, não obstante, um *quanta* tem a sua “essência” definida apenas em relação a outros *quanta*; de modo que não há sentido em se falar de um *quanta* de força em abstrato ou em si. Tal “conceito” é antes de mais nada uma noção relacional, ou seja, para responder o que seja um *quanta* de vontade de poder eu não posso analisá-lo isoladamente, mas justamente na sua relação de tensão com o todo; ao se falar de vontade de poder sempre estaremos nos referindo a uma multiplicidade,

⁵ Devemos referência à interpretação clássica de Nietzsche feita por Walter Kaufmann, na qual a cosmologia nietzschiana é colocada como monismo dialético: “O ponto decisivo para a cosmologia de Nietzsche, no tanto que nos concerne, pode ser expressada em duas palavras: Nietzsche era um *monista dialético*” (tradução nossa) (KAUFMANN, 1974, p. 235). Ainda que discordemos do aspecto dialético, que atribui contornos hegelianos ao pensamento de Nietzsche, ao aproximar a noção nietzschiana de sublimação dos impulsos ao *aufheben* hegeliano, cremos no valor histórico incontestável do comentário de Kaufmann.

⁶ Tomamos por base, sobretudo, o primeiro capítulo da obra *Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia* de Müller-Lauter.

pois o caráter múltiplo faz parte de sua “essência”⁷. Nietzsche, com efeito, não endossa um atomismo, pois não há átomo, existem apenas relações entre forças; o que vai conferir o caráter dinâmico a essa relação é justamente o *quale* (qualidade) único e pertencente a toda e qualquer força. Não obstante, em qualquer relação de forças haverá sempre uma busca por poder, sempre uma força (ou configuração de forças) busca dominar as demais. Essa qualidade pode ser expressa, exemplificativamente, em um organismo unicelular que se expande e tenta anexar outro organismo, que servirá, se a tentativa tiver sucesso, de seu alimento. Lembremos, contudo, que o registro da vontade de poder é único, de modo que essa qualidade que se expressa em organismos de grande simplicidade, expressar-se-á também nas relações mais complexas, como disputas políticas, acadêmicas e globais. De tal sorte que ainda que a relação entre forças torne-se consideravelmente mais complexa a dinâmica segue sendo dotada do mesmo *quale*. As forças se manifestam sempre em face de resistências, as quais se constituem de outras forças, sendo que nestas relações podemos observar relações de mando e obediência, quando forças mais fortes conseguem subjugar forças mais fracas que não conseguem resistir. O interessante é que mesmo na relação de obediência permanece um querer dominar, sendo que a parte dominada exerce contínua resistência no interior desta formação de domínio à qual ela foi anexada; inclusive, se a tensão no interior da formação elevar-se de tal forma que a força aglutinadora seja incapaz de manter a unidade, essa se desfaz. Cabe ressaltar, então, que por mais que tenhamos forças fortes que comandam e forças fracas que obedecem, tal polarização nunca poderá ser absoluta, pois a relação é sempre de tensão e, portanto, dinâmica; sendo possível que uma força fraca venha a se tornar dominante e que uma força forte seja dominada. Destarte, apesar de a qualidade ser

⁷ Tal característica pode ser observada no fragmento: “As propriedades de uma coisa são efeito sobre outras ‘coisas’: se abstraído de outras ‘coisas’, uma coisa não tem propriedades, é o mesmo que dizer, não há coisa sem outras ‘coisas’, ou seja, não há uma ‘coisa em si’” 2 [85] outono de 1885 – outono de 1886 “Die Eigenschaften eines Dings sind Wirkungen auf andere „Dinge“: denkt man andere „Dinge“ weg, so hat ein Ding keine Eigenschaften d.h. es giebt kein Ding ohne andere Dinge d.h. es giebt kein „Ding an sich“”. Veja-se como que da argumentação sagaz contra a existência da coisa em si, surge justamente o caráter plural da vontade de poder.

Os fragmentos póstumos de Nietzsche são por nós traduzidos, por meio de uma ponderação da tradução espanhola, dirigida por Diego Sanchez Meca, e da edição crítica editada por Colli e Montinari – juntamente com a tradução será transcrita a passagem citada no original.

única a forma de expressão da busca pelo poder é múltipla, sendo tal expressão circunstancialmente relativa à combinação de forças em questão.

II

Veja que se mostra claro o pano de fundo de nossa investigação, qual seja, a cosmovisão da vontade de poder, podemos passar a uma abordagem direta da questão do determinismo, iniciando, como é próprio, com a definição do determinismo que pretendemos verificar.

Temos consciência do caráter polissêmico que o termo “determinismo” na história da filosofia, de tal modo que vemos como importante deixar às claras qual sentido atribuiremos ao termo para os fins do nosso trabalho. Com efeito, entendemos por determinismo⁸ a afirmação que dado um determinado estado de coisas só há um estado de coisas posterior possível; por exemplo, dado um determinado sujeito em uma determinada interação com o exterior teremos apenas um curso de ação possível. Essa conceituação de determinismo com a qual operaremos é, conseqüentemente, incompatível com a existência de eventos contingentes, ou seja, eventos que dado um estado de coisas podem ocorrer como podem não ocorrer; segundo nosso conceito de determinismo, dado um estado de coisas só há um curso possível de acontecimentos posteriores. Nosso intento, não obstante, é verificar, através de uma análise dos escritos nietzschianos do período já delimitado, se há uma defesa de um determinismo nestes moldes. Temos consciência, todavia, da complexidade do tema e da improbabilidade de se encontrar respostas definitivas, com efeito, guiados pela hipótese de que a cosmovisão da vontade de poder implica um determinismo nos termos definidos,

⁸ Uma forma interessante para se visualizar a noção de determinismo em questão foi apresentada por Pierre Simon Laplace (1759 - 1827) matemático francês que tornou-se célebre ao apresentar um experimento mental de um intelecto capaz de conhecer o futuro, o qual ficou conhecido como demônio de Laplace: “Um intelecto que, em dado momento, conhecesse todas as forças que dirigem a natureza e todas as posições de todos os itens dos quais a natureza é composta, se este intelecto também fosse vasto o suficiente para analisar essas informações, compreenderia numa única fórmula os movimentos dos maiores corpos do universo e os do menor átomo; para tal intelecto nada seria incerto e o futuro, assim como o passado, seria presente perante seus olhos” (HOEFER, 2010, p. 4).

promoveremos uma articulação de passagens relevantes do texto nietzschiano com vias a, ao menos, avançar no debate.

O primeiro ponto que o leitor deve ter em mente é que a cosmovisão apresentada em I possui uma noção de causalidade própria, centrada no que o pensador chama causalidade da vontade⁹, a qual se estende por todo o existente, de modo que qualquer evento será resultado dessa causalidade e, talvez, em se especulando com base no texto, será *determinado* por essa causalidade. Ora, se toda a relação entre vontades está conectada a uma mesma causalidade, a hipótese de que esta cosmovisão seja determinista é, ao menos, verossímil, pois implica em afirmar que de uma determinada relação de vontades (*quanta* de força) só um resultado possível pode advir.

Acreditamos que na obra *Genealogia da moral* o determinismo das relações de força se mostra de forma mais clara, principalmente na seguinte passagem: “Exigir da força que *não* se expresse como força, que *não* seja um querer-dominar, um querer-vencer, um querer-subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força” (GM/GM I § 13). Grosso modo, o que a passagem nos diz é que uma força, ou uma ordenação de forças, é incapaz de se expressar de forma contrária ao que ela é¹⁰. Ora, parece adequado pensarmos que dada uma determinada configuração de forças, relacionando-se de uma determinada forma com o fluxo global de forças, só pode haver um curso possível de acontecer; se aceitarmos que a passagem endossa tal quadro, então, de fato, parece ser determinista a cosmologia da vontade de poder.

⁹ Causalidade aqui não deve ser compreendida nos termos da causalidade mecanicista moderna que traduz tudo como causa e efeito. Ao falar de causalidade da vontade Nietzsche está se referindo a relação entre *quanta* de força, seu paradigma é de uma energética e não mecanicista, tal como é defendido por Marton “Esta concepção traduz a opção que o filósofo faz pela energética. Posicionando-se contra o mecanicismo, ele substitui a hipótese da matéria pela da força” (MARTON, 2010, p. 76).

¹⁰ Tal posição apresentada na GM também pode ser vista no GD/CI, onde o pensador afirma: “*primeiro* exemplo de minha ‘transvaloração de todos os valores’: um ser que vingou, um ‘feliz’, *tem* de realizar certas ações e receia instintivamente outras, ele carrega a ordem que representa fisiologicamente para as suas relações com as pessoas e as coisas” (GD/CI, VI, § 2). Além de reforçar a posição de GM, pois este ser que vingou não possui possibilidade alternativa de se comportar diferentemente, a passagem citada ilustra que tal postura permanece nos escritos de 1888 e em consonância com o projeto da transvaloração de todos os valores.

O que é dito de forma comprimida e breve na obra publicada é consideravelmente ampliado no seguinte fragmento póstumo do período do outono de 1885 ao outono de 1886, no qual Nietzsche, ao tratar da criação de leis a partir de regularidades, nos diz o seguinte:

Mas precisamente esse “assim e não de outro modo” poderia ser proveniente desse ser mesmo, que não se comportaria de uma determinada maneira somente em função de uma lei, senão por ser constituído de uma determinada maneira. Isto quer dizer simplesmente: que uma coisa não pode ser diferente do que ela é, não pode fazer isto ou aquilo, não é livre nem não livre, senão é precisamente de determinada maneira¹¹ (KSA 2 [142] outono de 1885/ outono de 1886).

O fragmento, apesar de confuso, reforça a ideia de que uma força manifesta-se em conformidade com o que ela é; da mesma forma ocorre com o conjunto de forças que forma o “sujeito”: tal conjunto atua em conformidade com o que ele é, não havendo, portanto, espaço para que se comporte de outra maneira. Vemos, não obstante, reforçada a postura determinista de Nietzsche, pois dado um determinado sujeito e uma determinada relação deste com o exterior, temos apenas uma ação possível, não havendo espaço para contingência. Podemos, portanto, afirmar com segurança que todos os acontecimentos do mundo são necessários, uma vez que resultam de uma determinada combinação de forças, sendo que tal combinação é determinante e dela só pode resultar um determinado acontecimento; um evento contingente, desta forma, é um evento impossível:

A absoluta necessidade de um mesmo acontecer em um processo cósmico, como em todos os demais, por toda a eternidade, *não* é um determinismo acerca do acontecer, mas meramente a expressão de que o impossível não é possível... de que uma força determinada não pode ser nenhuma outra coisa que não precisamente essa força determinada; de que ante um *quantum* de resistência de força não se expressa de outro modo que não como correspondente a sua própria força¹² – acontecer e

¹¹ “Aber gerade jenes So-und-nicht-anders könnte aus dem Wesen selbst stammen, das nicht in Hinsicht erst auf ein Gesetz sich so und so verhielte, sondern als so und so beschaffen. Es heißt nur: etwas kann nicht auch etwas anderes sein, kann nicht bald dies, bald anderes thun, ist weder frei, noch unfrei, sondern eben so und so”.

¹² Discordamos, com efeito, da afirmação de Azeredo de que as forças combinar-se-iam de forma fortuita: “Simultaneamente, o acaso e a necessidade estão presentes no agir em Nietzsche, pois o acaso expressa o caráter fortuito das combinações de força. A multiplicidade de vontades de potência, que o filósofo interpreta enquanto acontecer, corresponde ao céu acaso” (AZEREDO, 2008, p. 259). Resta claro, diante das afirmações nas obras publicadas e reforçadas nos póstumos, que as forças combinam-se no fluxo que é a efetividade de forma determinada, onde uma combinação condiciona as demais. Não esqueçamos que os *quanta* de força não se ordenam

acontecer necessário são uma tautologia¹³ (KSA 10 [138] outono de 1887).

Vemos como a afirmação de GM/GM I § 13 é solidificada e argumentativamente ampliada nos póstumos a tal ponto de o filósofo afirmar que não há diferença alguma entre acontecer e acontecer necessário, restando óbvia a conclusão de que todo o acontecer é necessário, sendo assim vemos sepultada a possibilidade de eventos contingentes na cosmovisão nietzschiana.

Mais um elemento que reforça uma postura determinista por parte de Nietzsche é seu tom quase profético ao anunciar a ascensão do niilismo. O pensador o afirma não enquanto possibilidade, nem com tom prescritivo: o faz em forma de anúncio, anúncio de alguém que foi capaz de ler, no curso necessário dos eventos até então, um evento futuro:

O que conto é a história dos próximos séculos. Descrevo o que vem, o que não pode já vir de outra maneira: *a ascensão do niilismo*. Essa história já pode ser contada agora: pois a necessidade¹⁴ mesma está aqui trabalhando. Este futuro já fala por cem signos, este destino já se anuncia por todas as partes¹⁵ (KSA 11 [411] novembro de 1887/ março de 1888).

aleatoriamente, mas em função de um *quale* a busca por poder. Ademais, admitir o caráter fortuito da vontade de poder é tornar inútil a pretensão genealógica de Nietzsche, pois o que o pensador se esmera em constatar através de uma análise dos acontecimentos históricos com a lente da luta pelo domínio, poderia ser simplesmente resultado de uma combinação de forças aleatória. As menções do filósofo ao “céu acaso” ou o uso de metáforas como o jogar de dados aponta apenas para a limitação humana perspectivista, sob cuja visão certos eventos podem parecer aleatórios tais como um jogar de dados, mas não representa em absoluto a afirmação de um caráter fortuito no fluxo de forças e suas respectivas combinações.

¹³ “die absolute Necessität des gleichen Geschehens in einem Weltlauf wie in allen übrigen in Ewigkeit, nicht ein Determinismus über dem Geschehen, sondern bloß der Ausdruck dessen, daß das Unmögliche nicht möglich ist... daß eine bestimmte Kraft eben nichts anderes sein kann als eben diese bestimmte Kraft; daß sie sich an einem Quantum Kraft-Widerstand nicht anders ausläßt, als ihrer Stärke gemäß ist – Geschehen und Nothwendig-Geschehen ist eine Tautologie”.

¹⁴ Também nesse outro fragmento do mesmo período podemos observar semelhante postura: “Eu descrevo o que está por vir: a ascensão do niilismo. Posso descrevê-lo porque aqui se produz algo necessário – dele há signos por toda a parte, só faltam os olhos que os percebam” “Ich beschreibe, was kommt: die Heraufkunft des Nihilismus. Ich kann hier beschreiben, weil hier etwas Nothwendiges sich begiebt – die Zeichen davon sind überall, die Augen nur für diese Zeichen fehlen noch” (KSA 11 [119] novembro de 1887/ março de 1888).

¹⁵ “Was ich erzähle, ist die Geschichte der nächsten zwei Jahrhunderte. Ich beschreibe, was kommt, was nicht mehr anders kommen kann: die Heraufkunft des Nihilismus. Diese Geschichte kann jetzt schon erzählt werden: denn die Nothwendigkeit selbst ist hier am Werke. Diese Zukunft redet schon in hundert Zeichen, dieses Schicksal kündigt überall sich an”.

Note-se que para que um vaticínio como esse feito por Nietzsche seja possível é condição necessária se pensar numa cosmologia despida de eventos contingentes, pois os mesmos trariam uma aleatoriedade, incompatível com o “trabalho” da necessidade, não obstante, parece que o determinismo não só é implicação da vontade de poder, mas mostra-se coerente com o próprio filosofar nietzschiano.

III

Para trabalhar a questão do determinismo no pensamento de Nietzsche, a chamada doutrina do eterno retorno do mesmo coloca-se como parada obrigatória; optamos, contudo, por abordá-la em item próprio, sobretudo, pelo fato de a questão em tela, relativamente a essa doutrina, estar adstrita a um debate referente ao estatuto do eterno retorno no pensamento nietzschiano, pois tomado cosmologicamente, implicará um determinismo.

Pedimos permissão ao leitor para trazer uma citação que extrapola a delimitação feita neste trabalho, com a única finalidade de melhor ilustrar o pensamento do eterno retorno do mesmo; a citação em questão se encontra na GC, no penúltimo § do livro quarto, livro que finaliza a edição publicada em 1882:

O maior dos pesos – E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: “Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem – e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira!”. – Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você já experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: “Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!”. Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, “Você quer isso por mais uma vez e por incontáveis vezes?”, pesaria sobre seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não desejar nada além dessa última, eterna confirmação e chancela? (FW/GC § 341).

Esta passagem é a primeira menção de Nietzsche ao eterno retorno na obra publicada e nos traz, na boca de um demônio, a afirmação de que todo o acontecer se repete eternamente em um ciclo de eventos concatenados de forma fixa, de modo a não haver qualquer inovação, seja nos eventos, seja na ordem em que eles se dão. Todavia, o § não nos dá ideia clara de qual o estatuto¹⁶ de tal afirmação, tampouco esta clareza nos é dada em momento futuro da obra de Nietzsche, principalmente por estarem as menções posteriores mediadas por metáforas e simbolismos, as quais deixam o dito estatuto obscuro.

Não obstante, podemos divisar duas influências centrais para confrontá-lo com tal tese: por um lado o contato com pensadores da antiguidade que partilhavam desta visão circular do acontecer, sobretudo Heráclito e os Estoicos; e por outro o debate científico contemporâneo à Nietzsche¹⁷, no qual o eterno retorno é apresentado como tese física alternativa à teoria do ocaso do movimento devido a dissipação de energia.

¹⁶ O leitor deve atentar que parte significativa do debate relativo ao estatuto do eterno retorno está conectada com as implicações que uma interpretação cosmológica do mesmo teria para as aspirações propositivas de Nietzsche. Encontramos essa problematização no texto de Rubira: “Todavia, quando pensamos a transvaloração a partir dessa perspectiva, logo voltam as questões: em face do eterno curso circular, que sentido haveria em realizar a transvaloração se eternamente a transvaloração judaico-cristã dos valores antigos necessitaria ser combatida? Devido a possibilidade de que tudo retornasse eternamente, qualquer tentativa de transvaloração dos valores decadentes não seria em vão? A tarefa da transvaloração não estaria condenada ao eterno recomeço?” (RUBIRA, 2010, p. 25). Bem como em: “É por essa razão que se o eterno retorno fosse realmente um acontecimento cosmológico, então tudo estaria determinado, e a questão ‘em que posso decidir sobre meus atos?’ não teria sentido algum. Afinal, não haveria a menor possibilidade de escolha, nenhuma liberdade para eleger ‘aquilo que tu queres fazer’ - mas com isso Nietzsche estaria anulando o desafio implicado no desafio do eterno retorno” (RUBIRA, 2010, p. 214). Também Marton se confronta com essa questão: “O eterno retorno: tese cosmológica ou imperativo ético? A questão deixa de ter sentido. Exortar a que se viva como se esta vida retornasse inúmeras vezes não se restringe a advertir sobre a conduta humana; é mais do que um imperativo ético. Sustentar que, queiramos ou não, esta vida retorna inúmeras vezes não se limita a descrever o mundo; é mais do que uma tese cosmológica. O eterno retorno é parte constitutiva de um projeto que acaba com a primazia da subjetividade. Destronado, o homem deixa de ser um sujeito frente à realidade para tornar-se parte do mundo” (MARTON, 2009, p. 118). Não obstante, deve-se atentar para o fato de que esse debate está além do que o presente artigo pretende abordar, temos como preocupação esclarecer se Nietzsche afirma ou não um determinismo, a questão relativa ao impacto de uma afirmação nesse sentido na filosofia afirmativa do pensador é tema, quiçá, para um artigo futuro.

¹⁷ Para uma reconstrução deste debate em detalhe recomendamos a obra *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores* de Luís Rubira, em especial o terceiro capítulo.

Com efeito, motivado por leituras de física, o filósofo chegou mesmo a ensaiar provas, em forma de argumentos lógicos, da existência do eterno retorno; os primeiros esforços podem ser encontrados em fragmentos da primavera/outono de 1881¹⁸, e, portanto, fora do período delimitado e distante da cosmologia da vontade de poder. Entretanto, uma argumentação profundamente semelhante pode ser encontrada em fragmentos que são datados à primavera de 1888, estando dentro da delimitação de nossa pesquisa e compreendidos no período de “vigência” da cosmovisão referida, sendo, por isso, de grande valia; no fragmento lê-se:

Se é *licito* que o mundo seja pensado como determinada quantidade de força e como um determinado número de centros de força – e toda outra representação segue sendo indeterminada e, em consequência, *inutilizável* – dele se deriva que deve transcorrer um número calculável de combinações, no grande jogar dos dados de sua existência. Em um tempo infinito todas as possíveis combinações seriam alcançadas uma vez, em algum momento; ou melhor, seria alcançado infinitas vezes. E, posto que entre cada combinação e seu próximo retorno devem passar todas as combinações possíveis em absoluto, e cada uma dessas combinações determina a sucessão inteira de combinações em uma mesma série, com ele estaria demonstrado um ciclo de séries absolutamente idênticas: o mundo como um ciclo que já se repetiu infinitamente muitas vezes e que joga seu jogo *in infinitum*¹⁹. (KSA 14 [188] da primavera de 1888).

¹⁸ “A quantidade de força do universo é limitada, não infinita: tenhamos cuidado com tal excesso do conceito! Em consequência, o número de situações, transformações, combinações e desenvolvimentos de tal força será, por certo, muito grande e, na prática, incomensurável, contudo, em todo o caso também será limitado, não infinito. Mas se o tempo em que o universo exercita sua força é provavelmente infinito, ou seja, se a força é eternamente igual e atua eternamente: - até o atual momento já transcorreu uma infinidade, ou seja, é imperioso que já tenham se dado todos os desenvolvimentos possíveis. Em consequência, o desenvolvimento atual tem de ser uma repetição e o mesmo que precedeu a este e o seguinte a este e os anteriores e os posteriores! Tudo já se deu inúmeras vezes, pois a situação global das forças sempre retorna” (KSA 11 [202] da primavera/outono de 1881) “Das Maaß der All-Kraft ist bestimmt, nichts „Unendliches“: hüten wir uns vor solchen Ausschweifungen des Begriffs! Folglich ist die Zahl der Lagen Veränderungen Combinationen und Entwicklungen dieser Kraft, zwar ungeheuer groß und praktisch „unermesslich“, aber jedenfalls auch bestimmt und nicht unendlich. Wohl aber ist die Zeit, in der das All seine Kraft übt, unendlich d.h. die Kraft ist ewig gleich und ewig thätig: – bis diesen Augenblick ist schon eine Unendlichkeit abgelaufen, d.h. alle möglichen Entwicklungen müssen schon dagewesen sein. Folglich muß die augenblickliche Entwicklung eine Wiederholung sein und so die, welche sie gebar und die, welche aus ihr entsteht und so vorwärts und rückwärts weiter! Alles ist unzählige Male dagewesen, insofern die Gesamtlage aller Kräfte immer wiederkehrt”.

¹⁹ “Wenn die Welt als bestimmte Größe von Kraft und als bestimmte Zahl von Kraftcentren gedacht werden darf – und jede andere Vorstellung bleibt unbestimmt und folglich unbrauchbar – so folgt daraus, daß sie eine berechenbare Zahl von Combinationen, im großen Würfelspiel ihres Daseins, durchzumachen hat. In einer unendlichen Zeit würde jede mögliche Combination irgendwann einmal erreicht sein; mehr noch, sie würde unendliche Male erreicht sein. Und da zwischen jeder „Combination“ und ihrer nächsten „Wiederkehr“ alle überhaupt noch möglichen Combinationen abgelaufen sein müßten und jede dieser Combinationen die ganze Folge der Combinationen in

Podemos observar uma argumentação que afirma como premissa (i) que o mundo é formado por um determinado número de centros de força²⁰, o que implica (ii) que as combinações de forças possíveis tem número limitado, e que traz ainda a premissa (iii) de que o tempo é infinito; para concluir que (a) em algum momento todas as combinações possíveis seriam alcançadas; à tal conclusão é acrescentada a premissa/afirmação (iv) de que todas as combinações possíveis estão encadeadas em uma série linear determinada²¹, para que finalmente se possa concluir que (b) o mundo é um ciclo, no qual a mesma série de eventos se repete infinitamente. Levando em conta esse fragmento parece que, de fato, o eterno retorno se mostra como tese cosmológica; não obstante, não podemos esquecer que a argumentação presente no fragmento não possui eco direto na obra publicada de Nietzsche; diferentemente do que ocorre com a visão do mundo como vontade de poder, explicitamente apresentada, dentre outros §§, no 36 de JGB/BM²². Logo, não cremos ser possível apresentar o eterno retorno com o mesmo estatuto

derselben Reihe bedingt, so wäre damit ein Kreislauf von absolut identischen Reihen bewiesen: die Welt als Kreislauf der sich unendlich oft bereits wiederholt hat und der sein Spiel in infinitum spielt”.

²⁰ Müller-Lauter apresenta um relevante problema relativo a afirmação de que o número de centros de força seria limitado. Para o autor isto é incompatível com a cosmologia da vontade de poder, gerando assim mais uma dificuldade para a argumentação probatória do eterno retorno, pois a cosmologia que deveria sustentar as premissas acaba por refutá-las: “não se pode compreender a caracterização de Nietzsche da vontade de potência enquanto dado último como qualquer coisa que nos possibilitaria chegar a algo simples, isento por fim de mudança. Podemos encontrar sempre muitas vontades de potência em luta entre si: assim, não há nenhum dado *numérico* último a que podemos chegar. Em tal contraposição, uma vontade de potência pode se tornar duas, assim como inversamente duas podem se tornar uma. Em todo o caso, o próprio “número” de seres está em fluxo. Nietzsche não pode aceitar limite algum para a divisibilidade das vontades de potência, se não quiser recair em posições que, aliás, julga já ter superado” (MÜLLER-LAUTER, 2011, p. 284/285).

²¹ Marton no texto “*O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativos ético?*”, o qual referendamos ao leitor como de grande valia para o presente tema, apresenta uma crítica a argumentação de Nietzsche afirmando que (iv) não pode ser deduzido: “Da repetição dos acontecimentos não se pode deduzir o movimento circular em que a mesma série de eventos ocorre; não se deduz que uma configuração só retorna depois de finda toda a série e, menos ainda, que cada configuração determina a seguinte” (MARTON, 2009, p. 101). Não vemos, contudo, que o próprio Nietzsche esteja propondo uma dedução; acreditamos que o autor, em verdade, está apresentando uma premissa adicional, sobretudo, pelo fato de se utilizar da conjunção “E, posto que” (*Und da*) indicando uma nova premissa, e não uma relação de implicação lógica, a qual indicaria uma dedução, de modo que a premissa (iv) em conjunto com a conclusão (a) é que leva à derradeira conclusão de que o mundo é um ciclo.

²² Não estamos aqui defendendo que a tese de que o eterno retorno tem contornos cosmológicos não encontre qualquer fundamento na obra publicada; apenas gostaríamos de deixar claro que a vontade de poder encontra um suporte bem mais sólido, pois ela é a lente e fio condutor de escritos importantes, como JGB/BM, e quiçá da obra tardia como um todo.

cosmológico²³ da vontade de poder, ainda que a argumentação dos fragmentos entrelace estes dois temas. Ademais, pretendemos que a afirmação nietzschiana do determinismo tenha se estabelecido sem a necessidade de se defender o eterno retorno como fato cosmológico; através da argumentação do item anterior. De modo que a definição do estatuto do eterno retorno torna-se desnecessária para nosso trabalho, pois (i) tome-se ele como fato cosmológico, temos, apenas, mais um elemento em favor da afirmação do determinismo nietzschiano; ou (ii) afaste-se sua acepção cosmológica, já temos elementos suficientes para defender um determinismo no pensamento de Nietzsche.

IV

Não podemos nos furtar, ainda que de forma breve, de trazer algumas implicações significativas decorrentes da questão do determinismo, tendo em vista, sobretudo, justificar o debate que estamos propondo. Acreditamos que ao tomar posição com relação ao determinismo torna-se mais preciso e proveitoso o debate concernente a outros temas, talvez mais centrais, do pensamento de Nietzsche. Trata-se mesmo de uma questão anterior à qualquer análise da face propositiva da filosofia nietzschiana, pois circunscrita a uma cosmologia determinista esta deve compatibilizar-se, por exemplo, com uma noção de responsabilidade que não demande uma liberdade plena de escolha, uma liberdade como abertura aos contrários.

Apenas para exemplificar o afirmado nos remeteremos ao texto “*Nietzsche on free will, autonomy and the sovereign individual*” de Ken Gemes e Christopher Janaway. Nele os autores acabam por conferir uma certa espontaneidade ao indivíduo soberano, o qual na sua leitura seria o capacitado à autonomia: “A posição de Nietzsche nessa passagem deve ser lida, portanto, sustentando apenas a

²³ Sobre este tema destaca-se a posição de Rubira: “Desde o início, portanto, Nietzsche não apresenta o eterno retorno como um *acontecimento* cosmológico, pois ‘as coisas não são passíveis de serem conhecidas’ (X, 6(1) - Inverno de 1882 - 1883), mas enquanto uma *possibilidade*” (RUBIRA, 2010, p. 213).

afirmação de que nosso repertório de ações enquanto agentes está circunscrito ao nosso caráter, e não a afirmação de que as ações particulares são necessitadas” (traduções de nossa própria lavra) (GEMES; JANAWAY, 2006, p. 346). Ao recusar que as ações particulares sejam necessitadas, parece que os autores estão afirmando que, apesar de limitadas pelo caráter, ainda existem possibilidades alternativas de ação ao sujeito. Uma leitura nestes termos traz complicações, pois a própria existência de possibilidades alternativas de ação colide com o próprio texto nietzschiano, pois, como vimos, em GM I, 13 ele afirma que dada uma conformação de forças interna e um contexto externo só há um curso de ação possível, logo, os autores operam com uma noção incompatível com a cosmologia das forças que Nietzsche está propondo. O leitor deve recordar que num póstumo de 1887 o filósofo é claro ao afirmar que “acontecer e acontecer necessário são uma tautologia”²⁴ (KSA 10 [138] outono de 1887), portanto, as ações particulares são sim necessitadas, pois são parte do acontecer, um acontecer que é necessário.

Segue um caminho semelhante Nel Grillaert que propõe uma leitura compatibilista a qual afirma ser o homem afetado por fatores deterministas externos, conservando, contudo, sua liberdade, pois no momento de individualizar esse destino ele seleciona tais fatores: “A vontade humana é receptiva a eventos e impressões que caem sobre o homem em sua trajetória; a partir desses elementos objetivos e invariáveis, a vontade seleciona o que melhor serve a sua individualidade e os molda em um destino individual. Os fatores determinantes externos, os quais são indiferentes ao homem, são individualizados e como que transformados em qualidades individuais específicas. O homem decide por ele mesmo até que ponto destino (fate) ou vontade livre (freewill) determinam sua vida. Ao fim e ao cabo, o indivíduo é o senhor de seu próprio destino” (tradução de nossa própria lavra) (GRILLAERT, 2006, p. 55). Vemos que novamente temos uma leitura incompatível com o determinismo nietzschiano, pois para o autor o homem conserva uma espontaneidade no escolher os fatores externos a serem individualizados; indagamos até que ponto tal “escolha” não está já determinada pela própria constituição desse sujeito. Ademais, garantir tal liberdade de escolha ao

²⁴ “Geschehen und Nothwendig-Geschehen ist eine Tautologie”.

homem implica em afirmar a existência de eventos contingentes, dado que deve estar aberta ao sujeito a possibilidade de individualizar ou não um fator determinante externo, o que sabemos ser incompatível com a cosmologia nietzschiana, na qual não há espaço para eventos contingentes. Não obstante, o caminho do compatibilismo parece ser promissor para se tentar uma conciliação entre o determinismo e uma noção positiva de liberdade e responsabilidade²⁵ no pensamento de Nietzsche, todavia, trata-se de uma senda a ser perseguida alhures e quiçá em artigo futuro. Por hora gostaríamos apenas de mostrar ao leitor a importância que a questão do determinismo possui, sendo que uma tomada de decisão a esse respeito terá repercussão profunda na leitura da filosofia nietzschiana como um todo.

Considerações finais

Esperamos que chegado ao final deste estudo tenhamos logrado ao menos atizar a curiosidade do leitor para o problema do determinismo, fomentado, principalmente, pela cosmologia da vontade de poder. Temos plena consciência de que se trata de um problema complexo e distante de definições taxativas, se tomamos posição, chegando mesmo a nos referir a um determinismo nietzschiano, o fizemos com a motivação de fomentar o debate em torno desta questão. Não obstante, cremos haver trazido passagens e póstumos interessantes com os quais os críticos de uma leitura determinista de Nietzsche terão de se haver. Optamos por tratar a doutrina do eterno retorno em separado justamente para evitar que o debate em torno do determinismo fosse reduzido ao debate relativo ao estatuto cosmológico ou não do eterno retorno. Por fim, reiteramos a importância do estudo e posicionamento com relação a questão do determinismo para que se tenha mais recursos para o enfrentamento de questões possivelmente mais complexas, como o problema da liberdade e o da responsabilidade.

²⁵ A referida conciliação motivou nossa pesquisa de mestrado sob a orientação do Prof. Dr. Clademir Luís Araldi, e resultou na dissertação de título: *O suposto antagonismo entre liberdade e determinismo em Nietzsche: o traço estoico do compatibilismo nietzschiano*, a qual esperamos que em breve esteja disponível no sítio: <<http://www2.ufpel.edu.br/ich/ppgfil/dissertacoes.htm>>.

Referências:

ARALDI, Clademir Luís. **Nihilismo, Criação e Aniquilamento: Nietzsche a e filosofia dos extremos**. São Paulo: Editora Unijuí, 2004.

AZEREDO, Vânia Dutra de. **Nietzsche e a autora de uma nova ética**. São Paulo: Editora Unijuí, 2008.

GEMES, Ken; JANAWAY, Christopher. Nietzsche on free will, autonomy and the Sovereign Individual. **Proceedings of the Aristotelian Society**. V 80, 2006, p. 321-357.

GRILLAERT, Nel. Determining One's Fate: A delineation of Nietzsche's Conception of Free Will. **The Journal of Nietzsche Studies**. Issue 31, 2006, p. 42-60.

HOEFER, Carl, "Causal Determinism", **The Stanford Encyclopedia of Philosophy** (Spring 2010 Edition), Edward N. Zalta (ed.), URL = <http://plato.stanford.edu/archives/spr2010/entries/determinism-causal/>.

KAUFMANN, Walter. **Nietzsche Philosopher, Psychologist, Antichrist**. New Jersey: Princeton University Press, 1974.

LOPES, Rogério. "A ambicionada assimilação do materialismo": Nietzsche e o debate naturalista na filosofia alemã da segunda metade do século XIX. **Cadernos Nietzsche**. V 29, 2011, p. 309-352.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. **Nietzsche: sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia**. São Paulo: Unifesp, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filosofa com o martelo**. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **Digitale Kritische Gesamtausgabe** – Digital version of the German critical edition of the complete works of Nietzsche edited by Giorgio Colli and Mazzino Montinari. Disponível em: <http://www.nietzschesource.org/>.

NIETZSCHE, Friedrich. **Fragmentos póstumos (1885-1888) (Vol. IV)**. Edición española dirigida por Diego Sánchez Meca. Madrid: Editorial Tecnos (Grupo Anaya, S. A.), 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sämtliche Werke 15 Bände. Kritische Studienausgabe.** Berlin: Walter de Gruyter, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica.** Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos.** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

MARTON, Scarlett. **Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche.** São Paulo: Discurso Editorial, 2009.

RUBIRA, Luís. **Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores.** São Paulo, Discurso Editorial, 2010.

Recebido em: 15/08/2014

Aceito em: 29/09/2014